



ADOLESCER NA MENINA NEGRA BRASILEIRA: considerações históricas, apontamentos e questionamentos à ótica psicanalítica

Larissa Maria Matos Oliveira
Higor Sousa Paiva¹
Faculdade Princesa do Oeste (FPO)

1 Introdução

O período conhecido como adolescência, no campo de estudo acadêmico, conta com diferentes definições e contradições, sendo geralmente justificadas pelas mudanças biológicas características da puberdade. Todavia, os estudos sócio históricos acerca da adolescência são muito recentes, uma vez que esta definição como uma fase do desenvolvimento nem sempre existiu socialmente, sendo a fase adulta considerada subsequente à infância em muitas culturas até pouco tempo atrás. Com isso, definir a adolescência em um período de tempo tem se revelado um problema para as ciências que a estudam. Sobre essas ciências, em uma relação entre antropologia e saúde, Reis e Zioni colocam:

Uma primeira leitura da definição em foco revela sua intenção essencial de contemplar as dimensões biofisiológica, psicológica e econômica que levam o sujeito humano do estado infantil ao adulto. Entretanto, esta definição oferece algumas dificuldades. [...] Com efeito, querer articular o nível

¹ Psicanalista. Mestre em Psicologia pela Universidade de Fortaleza - UNIFOR (2017), Graduado em Psicologia pela Universidade de Fortaleza - UNIFOR (2014). Atualmente é professor do curso de Bacharelado em Psicologia da Faculdade Princesa do Oeste (FPO).



CADERNOS CRSG

CADERNOS DE PESQUISAS MULTIDISCIPLINARES SOBRE
CORPO, RAÇA, SEXUALIDADE E GÊNERO

V.2, N.1, jan./abr. (2020)

Anais do Congresso Brasileiro de Corpo, Raça, Sexualidade e Gênero - CRSG [v.2, n. 1, jan.-abr.2020]

biológico, aos olhos do qual todo homem [é] como todos os outros homens, com o nível econômico, onde todo o homem é sob certos aspectos como alguns homens, e, finalmente, com o nível psicológico, onde nenhum homem é igual a outro homem, conduz o problema a uma solução que está longe de ser alcançada (REIS & ZIONI, 1993, p. 472).

No meio disso, a Psicologia ocupa um lugar de intersecção entre os dois lados do discurso científico, considerando tanto mudanças biológicas, como determinações sociais. A Psicologia do Desenvolvimento, sobretudo sob óticas psicanalíticas, enxerga a adolescência como um período de ruptura, tanto com os laços de dependência e autoridade da família, como com os aspectos físicos e psicológicos da infância (SERON & MILANI, 2011). Este é, portanto, um período de luto, sendo considerado, por alguns psicanalistas, como uma segunda fase de individuação do Eu, seguida pela conquista da autonomia e pela formação da identidade. O desenvolvimento da sexualidade também perpassa esse período de forma crucial, assim como as pressões sociais acerca de escolhas para o futuro.

A Psicanálise identifica todas essas questões e estabelece diversos conceitos. Há, no entanto, uma enorme deficiência no que diz respeito a consideração de aspectos como raça e etnia, sendo considerados, geralmente, apenas os aspectos que envolvem gênero, sob as formas da classe média branca da Europa do início do século XX.

No presente trabalho, que se encontra em fase de desenvolvimento, pretendemos abordar os atravessamentos no adolescer de meninas negras no Brasil. Para tanto, partimos da Psicanálise buscando identificar o lugar dado à menina negra na sociedade e cultura brasileiras, tentando perceber as diferenças desta fase para meninas pretas e as particularidades vividas por esse público. Iniciaremos nossa linha de pesquisa com reflexões históricas e sociológicas, tendo em vista uma proposta inicial



CADERNOS CRSG

CADERNOS DE PESQUISAS MULTIDISCIPLINARES SOBRE
CORPO, RAÇA, SEXUALIDADE E GÊNERO

V2, N1, jan./abr. (2020)

Anais do Congresso Brasileiro de Corpo, Raça, Sexualidade e Gênero - CRSG
[v.2, n. 1, jan.-abr.2020]

de levantar possíveis críticas e/ou questionamentos acerca da aplicabilidade dos moldes psicanalíticos vigentes nestas garotas.

Uma breve retomada histórica: as crianças negras no Brasil colonial

Antes de tudo, é preciso considerar o percurso histórico que resultou nas complexidades que envolvem a adolescente negra no Brasil atual. Em uma análise histórica, a população negra no Brasil, em geral, sofreu uma série de opressões, as quais se estendem em consequências e se repetem em estrutura até os dias de hoje, como as condições em que os africanos foram trazidos até aqui e o lugar que a estes foi dado na sociedade brasileira. Segundo a citação de Mota por Reis e Zioni (1993), a idade de 5 anos marcava o fim da infância para a criança negra. Assim, enquanto o filho do senhor exercitava em jogos brutais o exercício do jugo, o menino negro ensaiava nas cozinhas o exercício da escravidão.

Apontadas minimamente estas diferenças é possível lançar um olhar sobre os lugares sociais de ambos os grupos e o impacto disso na formação do Ideal de Eu. E aqui iniciamos nossas reflexões propostas no título do texto. O resgate histórico estabelece as pistas das possíveis marcas do racismo estrutural no desenvolvimento de sujeitos de ancestralidade negra no Brasil; e um estudo mais aprofundado das antigas relações escravocratas revelará diferenciações entre valor do corpo da mulher e do homem negros na colônia escravocrata, como mostrará o trecho a seguir:

Quanto à menina escrava, sua situação pode ser inferida da leitura de um manual de fazendeiros do Século XIX, segundo o qual a parte mais produtiva da propriedade escrava era o ventre gerador. Desta forma, o próprio interesse econômico favorecia uma vida sexual precoce e promíscua para as meninas negras, na medida em que suscitava, nos proprietários, imoderado



CADERNOS CRSG

CADERNOS DE PESQUISAS MULTIDISCIPLINARES SOBRE
CORPO, RAÇA, SEXUALIDADE E GÊNERO

V.2, N.1, jan./abr. (2020)

Anais do Congresso Brasileiro de Corpo, Raça, Sexualidade e Gênero - CRSG [v.2, n. 1, jan.-abr.2020]

desejo de possuir o maior número de crias (FREYRE, 1966, citado por REIS & ZIONI, 1993; p. 475).

Ademais, conforme discorrem os autores, as meninas negras tinham como única expectativa de futuro a servidão doméstica nas casas senhoriais e a procriação. Com o passar das décadas e a migração das famílias para as cidades, surgiu, no Brasil, o movimento higienista que atuou nas casas senhoriais de modo a romper os costumes do campo e expulsar os escravos das casas. Sobre isso, discorrem Reis e Zioni:

Longe de ser vista como promotora de uma vida regrada e saudável, esta [a escrava] passou a ser encarada como um dos antigos "maus hábitos" que deveriam ser eliminados das residências. [...] Ao expulsar miasmas, insetos e escravas de dentro da casa, a mulher – inspirada pela Higiene – abandonou suas antigas funções produtivas internas e abraçou sua prole, transformou-se, assim, em mãe "amantíssima" de filhos criados para uma vida mais pública, mais urbana e menos doméstica. (1993, p. 476).

A partir disso, as crianças brancas, em uma maior medida, passaram a ter ambientes familiares mais confortáveis e perspectivas de futuro relacionadas à vida pública e a cidadania. Enquanto isso, as crianças negras, sobretudo as meninas, continuam, até hoje, tendo de suportar a sina da escravidão e da exclusão social.

A formação do Eu Ideal e do Ideal de Eu nas adolescentes negras: um paralelo histórico

Levando-se em conta a lógica de desenvolvimento psicanalítica e os atravessamentos nessas meninas, a formação de duas instâncias merece atenção especial: o Ideal de Eu e o Eu Ideal. Numa breve explicação, por Ideal de Eu entende-se o estabelecimento das normas e modelos socioculturais impressos no aparelho psíquico do sujeito, ao longo do seu desenvolvimento, como requisito obrigatório de sua inserção



Anais do Congresso Brasileiro de Corpo, Raça, Sexualidade e Gênero - CRSG
[v.2, n. 1, jan.-abr.2020]

na cultura e na sociedade. O Ideal de Eu, também chamado de Superego, é a forma rígida das normas e estereótipos sociais impostas a todo sujeito da sociedade, nas quais estes se referenciam e se submetem, sobretudo em momentos de crise. Já o Eu Ideal é a forma do sujeito conciliar o que é imposto pela sociedade (Ideal de Eu) com os seus desejos e aspirações subjetivas. Deste “meio termo”, o sujeito cria/escolhe referenciais subjetivos de como viver, sendo “ainda revelado por admirações apaixonadas por grandes personagens da história ou da vida contemporânea” (LAGACHE, citado por MIRANDA, 2004; p.64).

Tendo em vista a compreensão inicial destas estruturas, gostaríamos de propor alguns questionamentos sobre como o conflito entre estas instâncias se apresenta diante do adolecer das meninas negras. Para isso, utilizaremos os depoimentos de duas mulheres negras encontrados na internet e que trazem narrativas de suas adolescências.

Como já visto neste texto, o lugar das mulheres negras na escravidão resultou na atual sexualização do corpo de mulher negra, dando-lhe um espaço de servidão sexual e inferioridade moral. Acerca disso, Nátaly Néri, em sua palestra “A mulata que nunca chegou” à TEDx São Paulo, faz apontamentos que discorrem sobre os conflitos de identidade corporal das adolescentes negras no Brasil atual. Em seu relato, Nátaly traz experiências suas de comentários e assédios que, ainda na infância, prenunciavam beleza e sensualidade, curvas e volume em seu corpo, atribuídos como características da “mulata”. A atribuição de tais “valores” que “a mulata traria” foi para Nátaly, segundo seu relato, uma esperança de autoestima, como a mesma fala:

Naquela época, para mim, mulata era uma categoria menos pior de negra.[...]
Eu comecei a entender que ser (...) mulata era ser da cor do pecado; que ser



CADERNOS CRSG

CADERNOS DE PESQUISAS MULTIDISCIPLINARES SOBRE
CORPO, RAÇA, SEXUALIDADE E GÊNERO

V2, N1, jan./abr. (2020)

Anais do Congresso Brasileiro de Corpo, Raça, Sexualidade e Gênero - CRSG [v.2, n. 1, jan.-abr.2020]

mulata era ter curvas envolventes, sensuais; que a mulata me colocava na poesia; que a mulata colocava o meu corpo na bossa-nova. [...] Com 16-17 anos, eu fiquei esperando a mulata. Eu [pensava] (...) “as pessoas precisam achar que eu sou bonita de alguma forma e o único elogio que eu recebi a vida inteira é que eu só seria bonita no dia que meu corpo se desenvolvesse e eu efetivasse a mulata.

Costa descreve o Ideal de Eu como “um sujeito futuro, um sujeito que ainda não é e que só existe enquanto promessa” (citado por MIRANDA, 2004; p.63). Diante disso, nos perguntamos se os relatos de Nataly Néri apresentam um exemplo claro do que é o Ideal de Eu para uma menina negra. No entanto, Maria Aparecida, citando Costa, fala desse “sujeito futuro” como uma “perspectiva que (...) traduz-se pela possibilidade de produzir e buscar objetos fálicos e lugares que tomam forma de ideais que orientam as relações sociais”. Tal descrição se opõe em totalidade ao lugar social da mulata que, longe de ser fálico, é um lugar de submissão, sujeição e inferiorização moral (NÉRI, 2017). O estereótipo da mulata como “dever ser” da menina negra não corrobora com o que se define como Ideal de Eu, fugindo ainda mais da definição de Eu Ideal. A dificuldade de aplicabilidade desses conceitos em meninas negras não se resume ao estereótipo da mulata, mas apenas começa com este, uma vez que “para aquelas que não estão nesse padrão, é oferecido o estereótipo da doméstica, os trabalhos de pouca ou nenhuma qualificação, a prostituição” (MIRANDA, 2004; p. 20).

Sobre disso, também em uma palestra à TEDx São Paulo, a rapper Preta-Rara fala da profissão de empregada doméstica como hereditária, contando sua própria experiência familiar na qual a avó e a mãe já haviam sido domésticas antes dela. Em uma poesia autoral, Preta-Rara conta suas experiências como doméstica, junto a relatos de



Anais do Congresso Brasileiro de Corpo, Raça, Sexualidade e Gênero - CRSG
[v.2, n. 1, jan.-abr.2020]

outras mulheres, utilizando como refrão o verso “a senzala moderna é o quartinho da empregada”. Como evidência dessa realidade 79,6% das trabalhadoras domésticas no Brasil são mulheres pretas, de acordo com o DIEESE de 2013 (citado por Preta Rara, 2016). Tal realidade corrobora com o pressuposto de que o destino das meninas negras brasileiras continua sendo a servidão.

Arelado a estes aspectos, o Ideal de branqueamento – “sendo sinônimo de posição social-econômico-intelectual privilegiada, portanto lugares fálicos” – perpassa não só a estética, mas todos os aspectos da vida das meninas negras (NÉRI, 2017). Tomando como exemplo a caracterização do alisamento de cabelo em meninas negras como forma de embelezamento, pode-se dizer que este Ideal se sustenta nas fantasias destas meninas como modelo, objeto, apoio e adversário, lhes impondo o projeto racista que lhes imprime uma relação persecutória com o seu corpo. Dessa forma, a adolescente negra – como sujeito negro – se curva e admite o *status quo* como única possibilidade de saída, restando-lhes dois caminhos: submeter-se ao lugar social de submissão dado ao negro ou esforçar-se exaustivamente em moldar-se aos padrões brancos que buscam aniquilar a identidade corporal negra (COSTA, citado por MIRANDA, 2004).

Considerações continuativas

A trajetória adolescente em rumo à fase adulta é recheada de contradições, conflitos e sofrimentos. O estudo dessa fase é um movimento delicado, de consideração das mais tênues particularidades de cada processo, seja biológico, cultural ou social. Aqui, lançamos olhares às meninas negras, considerando suas falas, propondo a construção de um local de fala para estas no espaço psicanalítico; queremos,



CADERNOS CRSG

CADERNOS DE PESQUISAS MULTIDISCIPLINARES SOBRE
CORPO, RAÇA, SEXUALIDADE E GÊNERO

V2, N1, jan./abr. (2020)

Anais do Congresso Brasileiro de Corpo, Raça, Sexualidade e Gênero - CRSG [v.2, n. 1, jan.-abr.2020]

considerando os aspectos de gênero, raça e etnia, adentrar nosso olhar no processo de construção das identidades dessas jovens.

Diante disso, nos encontramos entre duas possibilidades: analisar a adolescência das meninas negras rigorosamente sob a visão psicanalítica e admitir que estes sujeitos tomam caminhos de sofrimento e adoecimento nas saídas dos processos de desenvolvimento; ou rever as estruturas psicanalíticas, de modo a considerar aspectos outros na concepção da adolescência nessas meninas.

O oferecimento de considerações finais ou conclusivas acerca desse tema e dessa pesquisa seria inviável e desonesto, tendo em vista que um longo processo ainda está a se construir para um olhar mais claro das diversas e plurais realidades vivenciadas por meninas pretas no Brasil. Deixamos aqui, então, nossas considerações continuativas; nossos questionamentos e hipóteses para a continuação desse caminho.

Referências Bibliográficas

REIS, A. O. A.; ZIONI, F., *O lugar do feminino na construção do conceito de adolescência*. **Revista de Saúde Pública**. 27(6) p.472-477, 1993.

SERON, C.; MILANI, R. G., *A construção da identidade feminina na adolescência: um enfoque na relação mãe e filha*. **Psicologia: teoria e prática**. 13(1), p. 157-164, 2011.

MIRANDA, M. P., **A Figura Negra na Subjetividade das Meninas “Um caminho para as Mariazinhas”**: Considerações Psicanalíticas. São Paulo: Instituto de Psicologia: USP, 2004.

Preta-Rara, **Eu Empregada Doméstica**. Disponível em: https://youtu.be/_d_n-z3s8Lo..
Acesso em: 17 de junho de 2019.